

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS
QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO
CELEBRAÇÕES

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Data: Março de 2001

Entrevistador: Mario Friedländer

2. LOCALIZAÇÃO

Sítio inventariado: Festança de Vila Bela

Localidade: Cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade

Município/UF: Vila Bela da Santíssima Trindade/Mato Grosso

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

Denominação: Festança de Vila Bela

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome: Benildes do Carmo da Silva "Nide"

Data de nascimento: 16/07/1962

Sexo: Masculino

Endereço: Rua Pouso Alegre, 397, Centro, Vila Bela

Fone: 065 259 1214

Ocupação: Agricultor / Guia de Turismo

Outras ocupações: Técnico do Indea / Bacharel em História pela UNIC - Cuiabá

Onde nasceu: Vila Bela/MT

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?

Não pertence as Irmandades, nunca foi festeiro, entretanto tem profundo respeito e interesse pelas tradições da Vila Bela.

6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO

6.1. ÉPOCA

Data: Móvel (normalmente a penúltima semana de Julho)

Duração: Aproximadamente 12 dias

Periodicidade: Anual

Celebrações Associadas: Festa do Divino Espírito Santo / Festa de São Benedito / Festa das Três Pessoas da Santíssima Trindade.

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

Ocorreu em todos os anos de 1990 a 2001. Durante a década de 70, houve um período de 3 anos sem que ocorresse a Festança.

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO?

Invocação religiosa: "...a partir da década de 70, houve um choque ideológico-religioso, as Igrejas Cristãs Protestantes estão tentado acabar com tudo, elas vão tirando adeptos de dentro e vão enfraquecendo as tradições, elas não vêem o lado cultural, só o lado místico da coisa e assim ela vai se perdendo. Na década de 50, com a chegada dos primeiros evangélicos, eles bateram de frente com as tradições cultuadas pelos vilabelenses.

Dona Teça, uma submissa da Assembléia de Deus, Seo Gustavo Bringsken (holandês) e Seo Ubat (alemão) da Igreja Cristã do Brasil chegaram no mesmo ano e concluíram que Vila Bela era um lugar de feitiçaria e macumbaria.

A tradição do pessoal daqui, de fazer procissão, rezar a noite a luz de velas, dia de Santo, ladainha de madrugada, aquele monte de gente no meio da rua com velas nas mãos, todo mundo Católico e devoto, os Evangélicos achavam aquilo coisa do Demônio."

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?

O Congo louvava Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A festa tinha outras características, os Irmãos e o Rei de São Benedito tiravam esmola para a Irmandade, o Rei saía com a túnica e uma efígie com uma bandeirinha de prata amarrada com fitas verde e azul e esmolava sozinho ou em companhia de alguns membros da Irmandade "esmola para o Glorioso São Benedito, irmão devoto", tirava o Beneditinho, o último Rei a esmolar (por volta de 1971/72).

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

"No Congo, cada um dançava com a melhor roupa que tinha, não era como hoje, cada um com suas vestes, a faixa era uma toalha amarrada ou faixas de algodão feitas pelos chiquitos, depois começaram a fazer uniforme igual de Soldado, com a roupa tudo igual, sapato tudo igual, perdendo um pouco a característica do cotidiano de cada um.

Aqui era uma comunidade pobre e eles se manifestavam de acordo com as possibilidades de cada um, não era uma imposição como hoje, os figuras do Congo eram mais independentes, a devoção era maior.

O Congo era uma meio de ser amenizada a tortura da escravidão, a lembrança da África, a mistura do Santo e do Profano, do Catolicismo com a religião africana, com o batuque, talvez o candomblé, umbanda, quimbanda, era um meio dos negros manifestarem uma religião primitiva dentro de uma religião moderna que era o Catolicismo."

"Dançavam também o Marujo e a Luanda, além do Congo; eram 3 dias de festa com 3 rituais de danças diferentes. O último Kanjinjin (Príncipe) do Marujo foi Seo Anastacinho ou tio Ricardino, esse povo antigo. O Marujo tinha outro uniforme, uma touca, tipo Saci Pererê, branca e vermelha com uniforme de marinheiro, a encenação, segundo contava tia Martiniana, era muito bonita, o Kanjinjin era muito afrontado, destemido, desafiava todo mundo, o pessoal atirava nele e ele saía pulando de costas tipo uma capoeira pra trás. Eles matavam o Kanjinjin e pelo milagre de São Benedito, ele ressuscitava, era aí que começava a festa.

Tinha também o batuque que dançava em casa, fechado como um samba primitivo, batia o mocho ou o couro das cadeiras. O pessoal dançava muito por aqui.

Tinha ainda o Tambor que era o mais antigo, eles dançavam até entrar em transe, uma espécie de êxtase e também o Chorado que não apresentava no dia da festa, era isolado, das cozinhas, depois da festa no mcororó (rapa do tacho).

Houve um choque de culturas entre os migrantes e os nativos, ao invés de admirar ou de apoiar começaram a repreender as atitudes da população nativa, achavam que o pessoal só sabiam dançar, que não queriam trabalhar. Aí os vilabelenses se retraíram, quase acabou tudo, devido ao choque de cultura entre quem chegou e quem já estava aqui, na década de 70 pra cá."

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA?

Sim. Benildes cresceu em meio a este choque ideológico-religioso que ele descreve tão bem; ao estudar fora aprimorou sua visão crítica sobre o processo de ocupação em Vila Bela. Benildes pode se transformar num importante agente de coleta e interpretação da memória oral dos velhos de Vila Bela.